

# Criação & Crítica

## ENTRE O AFOGAMENTO E A PARANOIA BRANCA

Yasmin de Castro Ferreira<sup>1</sup>

Temos por hábito a fé de que é através da informação que as coisas se resolvem. Como se um fato *esclarecido* fosse o suficiente para redimir qualquer estrutura problemática. Basta um dia perceber que nossos cabelos embranqueceram para aceitar a inevitável passagem do tempo? É suficiente uma febre para se identificar e curar prontamente uma infecção? É possível remediar um sintoma, mas isso torna viável resolver todo e qualquer trauma? Nos aproximando do que quero de fato relatar: basta declarar o fim da escravidão para que toda a sociedade brasileira se desacostume à servidão? Reconhecer essas dinâmicas com profundidade não torna mais fácil se colocar no meio da disputa entre o possível e o incômodo. Vejamos:

Era fim de tarde e estávamos tomando um chopp na piscina. Meu sogro, um homem muito dedicado às boas histórias e tradições regionais, escolheu um chopp regional que lhe agradava e serviu em uma taça que, apesar de não ser feita exatamente para aquela cerveja, era de cervejas. Eu nunca saí do Brasil, mas tive muitos familiares migrantes; - em sua maioria trabalhadores de Minas Gerais que subiam ilegalmente para os Estados Unidos - mesmo assim, a maioria retornava de modo a frustrar minhas expectativas de criança, com poucos registros e histórias vagas, confusas e breves. Com a família do meu marido era muito diferente, e desde as primeiras vezes que fui visitar meus sogros, eu podia me fascinar com suas explicações e com todo o conhecimento *de mundo* que eles compartilhavam comigo.

Cervejas belgas, vinhos portenhos, champanhe de Champagne... Além de uma gama muito interessante de conhecimentos culinários que adquiriram com amigos de vários lugares do mundo, jovens tão cosmopolitas quanto eles que estavam dispostos a discutir Coréia, Polônia e outras particularidades de lugares que eles nunca foram, mas celebravam. Meu sogro é muito entusiasta das particularidades das pessoas, mas sempre questionando as respostas delas e linhas de pensamento distintas. Isso porque ele também consegue ser bem legalista (palavra que aprendi com meu marido) e acreditar com alguma dúvida

---

<sup>1</sup> Graduanda de Letras, na FFLCH/USP. E-mail: yasmincasf@usp.br

# Criação & Crítica

que é possível ordenar tudo nos termos da lei.

Outra vez, isso me fascinava. Então quer dizer que podemos falar sobre o direito ao aborto, sentados, na mesa de jantar? Ninguém vai desconversar quando o assunto chegar nas injustiças inerentes ao discurso da meritocracia? Ou sobre racismo? Homofobia? Então quer dizer que, nesta família, podemos rir uns com os outros quando convém?

Não era aquela a minha realidade familiar. Claro, comíamos uns com os outros, mas sentados no chão da cozinha, não em uma mesa posta. Falávamos sobre a comida do dia, de como a galinha que estávamos comendo se comportava em vida ou discutíamos o que seria preparado para a próxima refeição. Ao invés de discutir o machismo, eu via ele sendo praticado através de uma ou outra palavra dos meus tios sobre a comida (que minha avó preparava sozinha) ser pouca, ou ruim, ou qualquer outra *brincadeira*. Quando pequena, meu refúgio era o silêncio, mas quando comecei a dizer que essas atitudes eram problemáticas, me davam os ombros e diziam para não amolar.

Em São Paulo, fui protestar em outros lugares. Me organizei com movimentos da cidade e comecei a responder coletivamente aquilo que me incomodava na minha família. E por isso era ainda mais reconfortante ter na casa dos meus sogros, no interior de Santa Catarina, um espaço onde eu podia falar dos meus pensamentos e isso ser colocado em um debate franco na mesa do almoço.

Até o momento em que eu comecei a não colocar meus pensamentos, mas a expôr minhas disputas, e aí o fascínio mútuo virou incompreensão.

Teve um almoço, desses *normais*, em que as notícias começaram no Jornal e os pratos foram dispostos na copa. Minha sogra começa uma comoção para que todos estejam na mesa assim que a Juliana termina seus preparativos e chama. Não é uma regra, evidentemente, mas um apelo emocional diário, ressaltando a felicidade que essa mãe sente em poder ver todos juntos na mesa. Também sem nenhuma regra, minha sogra pede para que *os de fora* se sirvam “sem cerimônia”, enquanto coloca a salada em seu prato. A jovem e risonha Juliana se coloca no seu lugar da mesa circular, mas não sem antes dispôr os últimos utensílios que foram esquecidos, como o azeite e o suco; ela tem uma intimidade mais estruturada do que eu mesma com essa família: ri das rotinas e das histórias do trabalho de cada um, além de participar com muita assertividade das discussões propostas.

Mas neste almoço em especial, ela não chamou muita atenção, não tomou

# Criação & Crítica

um dos lados ou não tentou encontrar o meu olhar. Mas ninguém mais tentou, já que os argumentos do meu sogro estavam tão bem *organizados*. Foi assim, às vésperas do Dia da Consciência Negra, em 2020, um homem negro havia sido assassinado, com plateia, no estacionamento de um supermercado em Porto Alegre. Na época, eu me juntei aos protestos que aconteceram na minha cidade, assim como em vários outros lugares do Brasil, carregando faixas, falando com a imprensa, chorando, gritando... Passaram-se meses, e agora eu estava almoçando com meus sogros, enquanto o noticiário ia dizendo: responsáveis pela morte de João Alberto Freitas responderão ao processo em liberdade.

— Não entendo como uma pessoa como essa não foi presa em flagrante — desabafei — Ele matou um homem asfixiado, por racismo, e isso não apresenta risco a outras pessoas? Ele vai deixar de ser racista?

Na verdade, eu estaria satisfeita com acenos positivos e condescendentes, mais do que com respostas de verdade, já que, naquele momento, eu conseguia imaginar que, justamente por causa do racismo, aquela situação não teria o andamento mais “humano” na Justiça. Mas meu sogro sempre responde, ele assume as questões com seriedade e quer encontrar caminhos.

— A lei para prisão em flagrante só exige a prisão em casos de risco à sociedade ou... — ele começou a responder.

E aqui eu preciso ser justa com esse arquivo, uma vez que eu não me lembro o que ele disse sobre a lei. Para mim, não era especialmente relevante o que a lei dizia. Se importaram com a lei na hora de asfixiar um homem negro no estacionamento de um dos maiores supermercados do país? Quando filmaram e viralizaram a situação? Então por que eu deveria buscar na lei respostas para as perguntas que me atormentavam o âmago? E durante o almoço?

O fato é que eu fui juvenil ao pensar que a minha comoção era a mesma que envolvia aquela família, que de fato sentia algum pesar pelo fim da vida do rapaz que estava sendo televisionado naquele momento, mas que não se colocariam em vias de imaginar que a lei não é capaz de ordenar o mundo para pessoas como o João ou eu, pessoas pretas sobrevivendo a anti-negritude. Fui juvenil quando não notei que, para essa família, o fim da escravidão é um fato a ser comemorado; enquanto eu estava do outro lado, pensando que não há nada para se celebrar quando é decretado, por brancos, *o fim* de uma estrutura intransponível de violência que nunca deveria ter existido, embora, como vemos

# Criação & Crítica

até hoje, nunca tenha deixado de existir.

Naquele fim de tarde na piscina do quintal da casa dos meus sogros no interior de Santa Catarina, eu terminava de ler *Afropessimismo* de Frank B. Wilderson III, quando a cerveja chegou e a conversa começou.

Meu sogro, em tom de piada, repreendeu a minha sogra pela maneira que ela tratou um colega de trabalho deles. Minha sogra também riu:

— Ele é muito chato, fica se colocando à frente de tudo, achando que está ajudando, mas ele só deixa as coisas dele para trás.

Meu sogro argumentou que tudo o que este colega queria era ser útil e prestativo, mesmo que sua proatividade fosse exclusiva no auxílio às colegas mulheres. Eu ri e murmurei algo com meu marido. A conversa seguiu um pouco, até que meu sogro parou abruptamente e perguntou para mim sorrindo:

— O quê vocês disseram?

— É brincadeira; — respondi de pronto e repeti a piada que fizera antes: — eu disse que parece muito *white savior* da parte desse colega querer se colocar como a pessoa que resolve todos os problemas de todo mundo, mesmo quando ele mesmo não faz seu próprio trabalho.

— É isso mesmo! — minha sogra riu, concordando bastante, como se ninguém nunca tivesse colocado em palavras a irritação que ela sentia, mas não sabia explicar.

Mas meu sogro não compreendeu com tanta prontidão. Mesmo assim, a conversa foi para outro lugar, um lugar bem anterior, que eu só consegui entender quando me lembrei que, há algum tempo, tinha sugerido a ele a leitura da HQ *You Should've Asked* escrita pela francesa Emma e publicada no *The Guardian* em 2017. O texto exemplifica a problemática da carga mental e como as mulheres, mesmo em uma “divisão justa de tarefas”, estão sujeitas a mais trabalho dentro dos cuidados da casa. Ele nunca me disse isso, mas eu acredito que o texto estava um pouco indigesto para ele, porque dentro da discussão sobre o colega prestativo demais, ele me questionou sobre a tirinha e sobre a carga mental, chegando a sentir-se pessoalmente acusado de machista, *apenas* por não querer lavar a louça. Mas chegaremos lá.

Antes disso, eu tentei explicar o que significava o termo *white saviour* e como, hoje em dia, aquilo que aprendemos na escola como Destino Manifesto e outras empreitadas civilizatórias podiam ser vistos em outra perspectiva; que o termo se refere a uma espécie de “visão de mundo” do homem branco que se coloca no direito de subjugar outros povos em nome de uma auto estabelecida

# Criação & Crítica

moral *universal*. Junto dessa explicação veio, mais uma vez, as desculpas:

— Isso não tem nada a ver com o seu colega, mas talvez dê para pensar dentro dessa lógica já que ele, como homem, se coloca à frente de mulheres para se sair como “salvador da pátria”, entende?

— Não — ele disparou. — Eu não entendi.

Outra vez, o fascínio. Pode parecer comum para você o uso de palavras inteiras, a posse do “sim” e do “não” e as opiniões sendo disparadas quando se bem entende, mas para mim isso costuma ser desconfortável. Existe uma literatura das entrelinhas quando se está em um espaço em que você é a minoria. Você aprende a falar nas entrelinhas quando se é mulher em um país em que as taxas de feminicídio são de uma mulher assassinada por *apenas* ser mulher a cada 6 horas; aprende a falar nas entrelinhas quando se é a única criança negra em uma família branca e aprende mais ainda a falar nas entrelinhas quando você foi, a vida inteira, pobre. Essa não era a literatura do meu sogro, que era um homem, branco e ascendeu com muito trabalho àquilo que chamamos de “classe média”; ele é capaz de falar palavras inteiras:

— Não, eu acho que vocês não estão sendo justas, ele só queria ajudar.

Para mim, já bastaria. No fim das contas eu de fato não conhecia o colega, não tinha ouvido mais que três palavras da situação e tinha emitido precipitadamente uma opinião, muito baseada, certamente, no copo de chopp e na casualidade da piscina. Mas a palavra é uma hemorragia e, uma vez no mundo, será lida e relida e reinterpretada e reescrita a gosto do leitor, como nos diria Barthes; e agora minha piada já se emaranhava em toda uma teia de pensamentos sobre gênero e raça.

— Eu sinceramente não sei o que fazer então — ele continuou — Não posso ajudar sem que me peça ajuda, mas se ela pedir, eu também sou machista.

Nem sempre é fácil dizer que existe uma questão de caráter que envolve as decisões dos homens comuns. E isso é ainda mais confuso quando o homem *comum* em questão é branco, de meia idade e classe média, que não está o tempo todo tentando entender o porquê certas situações do estrato social o afetam, porque, para ele, não há nada de social que o afete, para ele foi ensinado que a vida é para ser vivida em completude, gozar de sentimentos verdadeiros e experiências únicas, que lhes serão proporcionadas através dos frutos férteis de seu trabalho justo. Cida Bento n’*O Pacto da Branquitude* é muito perspicaz ao nos situar que em nenhum momento os pesquisadores da



# Criação & Crítica

escravidão se preocuparam em pensar as “deformações” que o histórico escravocrata do Brasil criou na cabeça dos brancos, apenas colocaram em perspectiva as feridas que ele deixou nos negros; entretanto, esse passado, para ela, faz com que a branquitude se coloque em posição de vantagem ante os negros e não consigam perceber que a realidade é manufaturada a partir de uma lógica da tranquilidade branca. E é por isso que, acredito eu, meu sogro não percebeu quando o debate deixou de ser apenas o machismo (que ainda não tinha sido completamente assumido) e a carga mental feminina, e passou a ser sobre racismo. O gatilho foi:

— Eu não quero, depois do meu trabalho, ter que ficar me preocupando com limpar a casa ou lavar a louça, — meu sogro disse, ainda pensando em como *ajudar* uma mulher sem tentar *se aparecer* — e entendo que ela não quer também, por isso pago alguém para não deixar minha esposa fazer isso. Você acha que eu estou errado? Então, eu digo para ela que não é responsabilidade dela, para ela deixar isso, mas se mesmo assim ela se preocupa, não é porque eu deixei.

Eu achava que ele estava errado, mas tomei o cuidado de não acusar isso. Mas não adianta muito, já que eu tenho uma expressão (ou é uma postura? Quiçá um *tom de pele...*) que não deixa passar despercebido minha discordância. Com isso, a conversa rapidamente se tornou um tribunal, no qual eu, sem querer, avaliava injustamente a bondade dos brancos. Eu me senti encurralada, mesmo não sendo a vítima, afinal, de certo modo eu era agora o ser monstruoso que apontava o dedo para um homem, um humano, perfeitamente interessado em ser justo sempre.

Antes de me casar, eu já tinha escutado coisas como “pagar alguém para fazer”; a minha própria mãe, que cresceu trabalhando na roça, pois não gostava dos trabalhos que eram considerados femininos na região dela, como fazer comida e cuidar da casa, me dizia que hoje em dia trabalhava *muito* para “pagar alguém para fazer”, o que significava contratar uma diarista uma vez por semana para a limpeza daquilo que minha irmã e eu não dávamos conta na casa. Mas foi nessa classe média de um dos estados mais brancos do país que eu vi esse argumento em uma modelagem muito mais complexa.

— Quando eu me casei, era muito difícil dar conta de tudo. — disse minha sogra — Por isso, mesmo com muita dificuldade, nós sempre tivemos uma secretária. — esse é o termo que usam para “empregada doméstica” — Mesmo que eu mesma estivesse ganhando só um salário mínimo, nós pagávamos um

# Criação & Crítica

salário mínimo para a secretária.

E não foi só dela que escutei coisas assim. A minha cunhada, influenciadora digital, disse em suas redes sociais sobre seu marido:

— Quando ele se mudou aqui para casa, eu disse para ele que ele ia ter que começar a me ajudar nas tarefas, que ele não estava mais na casa da mãe dele. Mas ele não gostava. Então eu coloquei uma condição: ou você me ajuda, ou você paga alguém para fazer. Então ele contratou alguém para me ajudar com a casa.

Eu estava fascinada mais uma vez, mas porque não parecia coerente para mim que eles não percebiam aquilo que eu, dentro daquela piscina, com meu copo de chopp, achava óbvio:

— Você passou o seu trabalho para outra mulher.

A partir desse momento, as coisas escalaram. Meu sogro me disse:

— E o que eu deveria fazer? Eu pago o salário dela acima da média do estado de Santa Catarina, que já é maior que o salário mínimo estabelecido por lei no Brasil. Eu pago todos os direitos dela, incluindo férias, hora extra. Ela senta para comer conosco no almoço.

— Tem mulheres que não deixam a secretária sentar junto. — minha sogra sorriu.

Ela sempre sorri, mas esse era um sorriso de orgulho *genuíno*.

— O que eu deveria fazer? Nós sempre contratamos meninas que estão na faculdade ainda, para ajudá-las a se formar e, quando elas terminam, eu cuido para que elas encontrem emprego na área delas.

— A nossa última secretária, a Flávia, era enfermeira. Quando ela terminou a faculdade, o único emprego que ela conseguiu pagava bem menos do que a gente pagava para ela aqui, mas a gente fez ela ir — exemplificou minha sogra, o sorriso agora carregava um leve, mas inocente, sarcasmo: — até hoje ela não ganha tão bem quanto aqui, mas está na área dela.

E então, a jogada final do meu sogro:

— O que eu deveria fazer? Nós até contratamos uma mulher branca.  
Pausa.

Todas as suas justificativas estavam alinhadas, e entregues a mim com uma expressão abismada, de uma raiva e urgência que só podem ser justificadas nos meses de reflexão de uma cabeça paranóica. Como eu não era capaz de ver? Ele não estava descumprindo lei alguma, ele não fazia nada de errado, ele tinha considerado todas as problemáticas que essa situação poderia causar e as

# Criação & Crítica

resolvido uma a uma. Por que eu o *ousaria* acusá-lo então?

Mesmo que eu nunca tivesse o acusado de fato, isso na verdade não importava quase nada. Mas a minha presença colocava em cheque aquilo que ele tinha estabelecido como realidade inquestionável. Frank B. Wilderson III diz que “os negros *corpoificam* uma meta-aporia para o pensamento e a ação política” e completa afirmando que os negros são “uma pedra no sapato” para as agendas políticas durante toda a história da humanidade. A partir daquele ponto, eu percebi o cinismo e a verdade daquilo com o que eu estava lidando, já que, o bom homem do outro lado *sabia* que era uma questão de raça antes de ser uma questão de gênero, ou uma questão trabalhista, ou de ser sobre o que é certo e o que é imoral. Ele sabia que qualquer argumento dele seria perpassado pela premissa de que aquele trabalho derivaria de uma ideia escravocrata e de subjugação de negros e da necessidade dele de ser servido, em sua posição privilegiada.

Mas ao mesmo tempo, ele não parecia ter ideia da redoma que tinha criado para si por sua própria paranoia.

Aquele argumento me tirou da conversa e de todos os caminhos que poderíamos trilhar ali. Eu era uma pedra no sapato dele e ele era domado por uma culpa que ele não aceitava ter. Ele não queria a disputa, queria o conhecimento que o tiraria do lugar *desconfortável* da hegemonia. Entretanto, da mesma forma que nenhuma construção histórica diminui a sina da escravidão das costas do povo negro, ela também não pode *aliviar* a herança que os brancos receberam dos anos de exploração do outro. Para aquele senhor branco, contratar uma empregada branca “limparia” o sangue da escravidão de suas mãos? Bastaria, para ele, que ele me desse as informações certas para que eu não mais o acusasse de fazer parte da estrutura do racismo?

Eu não me lembro exatamente daquilo que eu discuti, argumentei e citei durante o resto dessa conversa, mas eu me lembro de tentar muito não desaparecer na minha interioridade outra vez. Mas os argumentos do meu sogro, que como eu já disse, estavam envoltos em uma urgência tão raivosa de se justificar, e de uma forma que eu nunca tinha visto antes; este homem da lei estava em um conflito entre as regras escritas e as que não estavam escritas, mas que eram claras como o dia: as constantes reminiscências da anti-negritude; e ele tinha raiva de eu ter exposto isso. Apesar de toda a minha munição, precisei me contentar com o silêncio, e meus próprios olhos no espelho do banheiro, depois de sair sem terminar de fato a conversa e tomar um banho quente. Eu



# Criação & Crítica

percebi que jamais estaria em uma argumentação de igual para igual naquela casa, mesmo que se passassem anos, porque existe um buraco entre a racionalidade que todos ali clamavam ter e a anti-negritude. E não importaria o que dissesse ali, eu já era o contrário, o “Outro”, de Fanon, a “pedra no sapato”; e tentava atravessar um espaço que a paranoia branca não me deixaria atravessar.

Recentemente, a Juliana deixou de ser a secretária da casa pois encontrou um emprego na sua área de formação; minha sogra comenta com nostalgia sobre a vida da agora querida amiga enquanto a dona Fernanda dispõe na mesa últimos utensílios que foram esquecidos para o almoço, como o azeite e o suco.

Recebido em: 15/06/2023

Aceito em: 05/09/2023